

Abordagem da educação em sexualidade no Jardim de Infância: a opinião das famílias

Letícia Gomes Gonçalves

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra – Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

lggoncalves@esec.pt

Filomena Teixeira

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Coimbra; Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores – Universidade de Aveiro

filomena@esec.pt

Resumo

No âmbito do relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, após a implementação e desenvolvimento de um projeto pedagógico sobre a concepção e nascimento dos bebés, em contexto do estágio em Jardim-de-Infância (JI), foi realizado um estudo com as famílias, que teve como objetivos: i) conhecer o seu posicionamento acerca da importância da Educação em Sexualidade (ES) no JI; ii) perceber a sua preparação para abordar a temática com o/a seu/sua educando/a; iii) saber se conversam com as crianças acerca da Sexualidade e quais os temas que abordam; e iv) perceber a quem é que atribuem a responsabilidade da sua abordagem. Os resultados obtidos através das respostas a questionários e entrevistas às famílias permitiram concluir: i) ser importante que as crianças saibam os nomes dos órgãos sexuais; ii) a grande maioria diz sentir-se preparada para abordar a temática da Sexualidade com o/a educando/a; iii) cerca de $\frac{2}{3}$ refere abordar o assunto, tratando, entre outros, os seguintes temas: fecundação, gestação e nascimento; iv) utilizam a linguagem familiar quando abordam a temática em casa mas consideram que, no JI deveria ser usada a científica; e v) consideram que a responsabilidade da ES deve ser partilhada entre as famílias e a escola. O estudo realizado e o projeto implementado no estágio mostraram que, apesar da ES não ser ainda generalizada no JI, é possível, sendo a maioria das famílias recetivas à sua concretização.

Palavras-chave: Educação em Sexualidade, Jardim de Infância, Famílias.

Abstract

In the final report of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st CEB context, after the implementation and development of a pedagogical project on the conception and birth of babies, in the the internship in kindergarten was carried out a study with the families, with the following objectives: i) to know their position on the importance of Sexuality Education (SE) in kindergarten; ii) perceive their preparation to approach the subject with the children; iii) to know if they talk with the children about Sexuality and what topics they address; and iv) perceive who they attribute the responsibility for the approach. The results obtained through the answers to questionnaires and interviews with the families allowed to conclude: i) it is important that the children know the names of the sexual organs; ii) the great majority says they feel prepared to approach the issue of Sexuality with the children; iii) about $\frac{2}{3}$ refers that approaches the subject, addressing, among others, the following topics: fecundation, gestation and birth; iv) use the familiar language when they

approach the subject at home but consider that in kindergarten should be used the scientific; and v) consider that the responsibility of the SE should be shared between the families and the school. The study carried out and the project implemented in the internship showed that, although SE is not yet generalized in kindergarten, it is possible, and the families are receptive to their concretization.

Keywords: Sexuality Education, Kindergarten, Families.

1. Introdução

Em Portugal, nos anos 80 do séc. XX, surgiu a Lei 3/84 que previa a educação sexual nos ensinos básico e secundário bem como na formação de professores/as. No entanto, 34 anos depois, muito ainda há a fazer para que o acesso à temática seja generalizado, pese embora exista, do 1º Ciclo do Ensino Básico ao Ensino Secundário, enquadramento legal sobre o assunto – Lei 60/2009 e Portaria 196-A/2010.

Apesar de se reconhecer a importância da abordagem da Educação em Sexualidade, desde cedo, e da Educação Pré-Escolar (EPE) ser a primeira fase no processo de educação de um indivíduo, tal como se refere nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar – OCEPE – (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016), continua a existir “um vazio no que se refere às questões da educação para a sexualidade das crianças” (Pereira, 2006:16). Assim sendo, e tendo os pais, as mães e/ou os/as encarregados/as de educação um papel importante nas decisões educacionais das crianças, foi considerado pertinente realizar um estudo com as famílias para conhecer o seu posicionamento em relação à temática, de quem pensam ser a responsabilidade da sua abordagem, se se consideram preparados/as para o fazer ou já o fazem com as crianças com quem lidam e qual a linguagem que utilizam.

2. Sexualidade e Educação em Sexualidade

A Sexualidade existe e faz parte de todos/as nós (Maia, 2014) e tal como revelam os estudos de Freud, publicados em 1905, existe mesmo “em todas as crianças desde o nascimento” (Rouyer, 2005, p.7). Apesar de esta temática já ter começado a ser explorada, ainda é considerada tabu por muitos/as, existindo um grande caminho a percorrer.

Para a UNESCO (2009):

A Sexualidade é um aspeto central do ser humano ao longo da vida e engloba o sexo, papéis e identidade de género, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressas.

A Sexualidade implica, assim, o corpo, os afetos, o prazer, o género, os valores, as crenças, as relações, a cultura, o crescimento, a prevenção, entre outros (Sadock, Sadock e Ruiz, 2017; Maia, 2014; Inácio, 2010; Vilar, 2005 e Forreta, 2002)

O Relatório elaborado pelo Grupo de Trabalho de Educação Sexual (Sampaio, 2007, p.7), refere que a “Educação Sexual é o processo pelo qual se obtém informação e se formam atitudes e crenças acerca da sexualidade e do comportamento sexual”. Sampaio (1987), considera que a Educação Sexual contém quatro dimensões: a biológica, a psicológica, a sociológica e a ética. Cevallos-Neira e Jerves-Hermida (2014), Frade *et al* (2009) e Forreta (2002) completam dizendo que a Educação Sexual, na etapa dos 0 aos 6 anos, deve contemplar 3 áreas fundamentais: i) o conhecimento do corpo e a identidade sexual; ii) os afetos ou as relações interpessoais; iii) a própria origem ou a reprodução humana.

No que respeita à terminologia, há diversas designações para Educação Sexual. Este termo é usado por Cevallos-Neira e Jerves-Hermida (2014); Maia (2014); Furlani (2011); Frade, Marques, Alverca e Vilar (2009); Duarte, Canário, Serrão e Ricou (2007); Lai (2005); Hernández Morales e Jaramillo Guijarro (2003); Forreta (2002); Kohner (1997); Uslander e Weiss (1997); Vaz (1996) e Sampaio (1987); É também designada Educação Afetivo-Sexual, nomeadamente, por Gómez Zapiain (2000); Bolaños Espinosa, González Díaz, Jiménez Suárez, Ramos Rodríguez, Rodríguez Montesdeoca (1991); Educação da Sexualidade usado por Carvalho (2008); Educação para a Sexualidade utilizado por Rouyer (2005); Paiva e Paiva (2002); Caetano (s.d.); e Educação em Sexualidade, termo usado por Teixeira e Marques (2012); Teixeira (2010) e também pela UNESCO (2009).

3. Legislação sobre Educação Sexual na Educação Pré-Escolar

A legislação em Portugal sobre Educação Sexual (ES) na Educação Pré-Escolar (EPE) é quase inexistente. Nenhuma lei contempla nem regulamenta a ES na EPE, tendo apenas sido mencionada no protocolo de 7 de fevereiro de 2006, entre o Ministério da Educação

(ME) e o Ministério da Saúde (MS) (ME/MS, 2006), Nesse mesmo documento existe, porém, uma contrariedade, pois quando se compromete a implementar um programa de ES, apenas refere os estabelecimentos do Ensino Básico e Secundário. No mesmo ano, o MS publica o Despacho n.º 12045/2006, de 7 de Junho, que aprova o o Programa Nacional de Saúde Escolar (PNSE) (MS, 2006), sendo este documento o primeiro que inclui, de forma obrigatória, a abordagem da ES na EPE. Já em 2015, a Direção-Geral da Saúde publica o novo PNSE (Amann, 2015), aprovado pelo Despacho (extrato) n.º 8815/2015, revogando o anterior PNSE de 2006, sendo que se continua a incluir a abordagem da ES na EPE.

A nível internacional, segundo a nossa pesquisa que inclui países como Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estónia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Polónia, Eslováquia, Espanha, Suécia, Reino Unido (Beaumont & Maguire, 2013), Estados Unidos da América, Japão (Lai, 2005), Argentina, Brasil, Uruguai e Perú (Matos et al, 2009), apenas o Chile e a Holanda contêm legislação referente à ES na EPE, sendo que, segundo Matos *et al* (2013), foi em 2009 que começou a abordagem da ES em EPE no Chile e, de acordo com Beaumont e Maguire (2013), na Holanda, as crianças começam a ter acesso à ES, aos 4 anos.

4. Educação em Sexualidade no Jardim de Infância: relato de um estudo

4.1 Procedimentos metodológicos

Durante o estágio em Jardim-de-Infância (JI), no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB, após a implementação e desenvolvimento de um projeto pedagógico⁹ com um grupo de crianças dos 4 aos 6 anos, sobre a conceção e nascimento dos bebés, foi realizado um estudo¹⁰ com as suas famílias.

Foram objetivos do estudo: i) conhecer o posicionamento das famílias acerca da importância da Educação em Sexualidade no JI; ii) perceber a sua preparação para abordar a

⁹ Projeto pedagógico apresentado no artigo “Como Nascerem Os Bebés E Como Vão Parar Dentro Da Barriga Das Mães?” publicado na Revista Diversidade e Educação (2017).

¹⁰ O estudo realizado consta do relatório final intitulado “Abordagem da Educação em Sexualidade no Jardim de Infância: O que Pensam Pais, Mães e/ou Encarregados/as de Educação”, apresentado e discutido, em 2018, na Escola Superior de Educação de Coimbra.

temática com o/a seu/sua educando/a; iii) saber se conversam com as crianças acerca da Sexualidade e quais os temas que abordam; e iv) perceber a quem é que atribuem a responsabilidade da sua abordagem.

O referido estudo, predominantemente qualitativo e descritivo, envolveu 17 famílias - pais, mães e/ou encarregados/as de educação - das crianças de um grupo (sala roxa) de um JI localizado no centro da cidade de Coimbra. Para a recolha de dados foram utilizados questionários e entrevistas que eram constituídos por duas partes, sendo que, a primeira pretendia obter dados sobre os/as inquiridos/as e educandos/as e, a segunda, incidia sobre questões relativas ao estudo.

4.2 Resultados

A análise dos dados permitiu caracterizar as famílias participantes, sendo que 88% (N= 15) são do sexo feminino e os restantes 12% (N=2) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 50 anos. No que respeita às habilitações académicas, 35% (N= 6) possuem o 9º ano de escolaridade, 17% (N= 3) o 12º ano, 12% (N=2) são licenciados/as, 12% (N=2) têm o mestrado e 12% (N=2) o doutoramento. As restantes 6% (N=1) possuem o 4º ano e 6% (N=1) o bacharelato. Quanto às ideias religiosas 65% (N=11) referem ser crentes, 23% (N=4) não crentes e 12% (N=2) crentes praticantes e, por fim, em relação ao estado civil/situação afetiva, 59% (N=10) são casados/as, 23% (N=4) vivem em união de facto, 12% (N=2) são solteiros/as, 6% (N=1) é divorciado/a. Relativamente aos/às seus/suas filhos/as e/ou educandos/as, 53% (N= 9) são do sexo masculino e 47% (N=8) são do sexo feminino e têm idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos.

As famílias consideram importante que as crianças em idade Pré-Escolar saibam os nomes dos órgãos sexuais apontando diversas razões: Familiarização / contacto com vocabulário adequado (N=5); Conhecimento do corpo (N=3); Melhor preparação das crianças para a entrada na escola (N=3); Questionamento / interesse por parte das crianças (N=2); Forma de encarar com naturalidade o tema (N=1); Descoberta das diferenças entre sexos (N=1).

A maioria dos/as inquiridos/as afirmou que se sentia preparado/a para abordar a temática justificando da seguinte forma: Encara a temática com naturalidade / sem tabus (N=9); Curiosidade das crianças (N=3); Possui conhecimento adequado sobre a temática (N=3); Permite uma boa relação na família (N=1).

Mais de metade (65%) dos/as inquiridos/as respondeu que já tinha falado com o/a seu/sua filho/a ou educando/a sobre Sexualidade, devido a: Questionamento / interesse por parte da

criança (N=7); Encara a temática com naturalidade (N=2); Conhecimento do corpo (N=2); Temática importante (N=1). As temáticas abordadas foram bastante diversificadas: Fecundação/Gestação (N=8); Nascimento (N=6); Nome dos órgãos sexuais (N=5); Corpo humano / diferenças entre sexos / mudanças corporais (N=4); Proteção contra abusos sexuais (N=2); Higiene (N=1); Orientação sexual (N=1). De referir ainda que, durante as conversas com as crianças, as famílias afirmam que tanto recorrem a linguagem científica, como a linguagem familiar, como ainda a ambas.

Houve famílias que responderam que nunca tinham falado com as crianças sobre Sexualidade por: Nunca ter sido questionado/a pela criança (N=2); É cedo para abordar o assunto com a criança (N=1).

A grande maioria dos/as inquiridos/as afirma que tanto a escola como as famílias devem abordar a Sexualidade com as crianças. Apenas N=2 declaram que o assunto deve ser tratado no seio familiar.

5. Considerações finais

Os resultados obtidos no estudo realizado permitem concluir que, em Portugal, apesar da Educação em Sexualidade estar longe de ser concretizada na Educação Pré-Escolar, sobretudo por ainda não integrar a agenda política, por não existir legislação própria e, muitas vezes, por falta de formação de profissionais de educação, as famílias, quando auscultadas e após terem acompanhado o desenvolvimento de um projeto com crianças no JI frequentado pelos/as seus/as educandos/as, consideram: i) ser importante que as crianças saibam os nomes dos órgãos sexuais; ii) sentirem-se preparadas para falar sobre a temática da Sexualidade com o/a educando/a; iii) abordar com as crianças a fecundação, a gestação e o nascimento; iv) recorrer a linguagem familiar quando conversam sobre sexualidade, em casa, mas que, no JI deveria ser usada linguagem científica; e que v) a responsabilidade da Educação em Sexualidade deve ser partilhada entre a escola e as famílias.

Deste modo, podemos afirmar que a Educação em Sexualidade no Jardim de Infância, ainda que não generalizada, é pertinente e possível, sendo desejável a articulação e o envolvimento das famílias. Para que tal aconteça as instituições de ensino superior terão que investir na formação inicial, contínua e pós-graduada de educadores/as e professores/as, inserindo nos seus currículos unidades curriculares de sexualidade e

educação em sexualidade, a par da conceção, implementação e avaliação de projetos de investigação sobre a temática.

Referências bibliográficas

- Amann, G. P. (coord.). (2015). *Programa Nacional de Saúde Escolar*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beaumont, K., & Maguire, M. (2013). *Policies for Sexuality Education in the European Union*. Brussels: European Parliament.
- Bolaños Espinosa, M. C., González Díaz, M. D., Jiménez Suárez, M., Ramos Rodríguez, M. E., & Rodríguez Montesdeoca, M. I. (1991). *Carpeta Didáctica de Educación Afectivo Sexual*. Canarias: Consejería de Educación Cultura y Deportes.
- Caetano, J. M. (s.d.). *Educação para a Sexualidade - Uma urgente necessidade nacional*. [Consultado em 27 de setembro de 2017 em http://www.fpccsida.org.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=134&Itemid=206]
- Carvalho, C. S. (2008). *Guia de educação da sexualidade*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã.
- Cevallos-Neira, A. C., & Jerves-Hermida, E. M. (1 de setembro de 2014). ¿Educación sexual para mi hijo e hija de preescolar (3-5 años)? Percepciones de padres y madres de familia. *Revista Electrónica Educare*, pp. 91-110.
- Despacho n.º 12045/2006, de 7 de Junho. *Diário da República n.º 110 - II Série*. Ministério da Saúde.
- Despacho (extrato) n.º 8815/2015, de 10 de agosto. *Diário da República n.º154 – II Série*. Direção-Geral da Saúde.
- Duarte, I., Canário, C., Serrão, C., & Ricou, M. (2007). A Educação Sexual em Meio Escolar: uma perspectiva ética. *Nascer e Crescer - Revista do Hospital de Crianças Maria Pia*, 16, pp. 24-28.
- Forreta, F. (2002). A educação sexual na infância. In A. M. Marques (coord.), D. Vilar (coord.), & F. Forreta (coord.), *Os Afectos e a Sexualidade na Educação Pré-Escolar - Um Guia para Educadores e Formadores* (pp. 49-56). Lisboa: Texto Editora.
- Frade, A., Marques, A. M., Alverca, C., & Vilar, D. (2009). *Educação Sexual na Escola - Guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Furlani, J. (2011). Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual, e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Gómez Zapiain, J. (2000). Educación afectivo sexual. *Anuario de Sexología*, 6, pp. 41-56.
- Gonçalves, L. G. (2018). *Abordagem da Educação em Sexualidade no Jardim de Infância: O que Pensam Pais, Mães e/ou Encarregados/as de Educação* [Relatório Final de Mestrado]. [Consultado em 25 de abril de 2018 em http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/MESTRADOS_ESEC/LETICIA_GONCALVES.pdf]
- Gonçalves, L. G., Costa, R. R. S., Teixeira, F. & Cardoso A. C. T. (2017). Como Nascem Os Bebés E Como Vão Parar Dentro Da Barriga Das Mães? *Revista Diversidade e Educação*, 5(2), 102 -110. [Consultado em 25 de abril de 2018 em <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7507/5077>]

- Hernández Morales, G., & Jaramillo Guijarro, C. (2003). *La educación sexual de la primera infancia. Guía para madres, padres y profesorado de Educación Infantil*. Espanha: Secretaría General de Educación y Formación Profesional.
- Inácio, A. (2010). Apresentação das novas orientações em Educação Sexual da UNESCO. *Educação Sexual em Rede*, 6, pp. 29-33.
- Kohner, N. (1997). *Como falar às crianças sobre sexo - o que diremos às crianças?* Mem Martins: Lyon Multimédia Edições.
- Lai, Y. C. (2005). An Exploratory Study of Parents' Perceptions of Teaching Sex Education in Hong Kong Preschools. *AARE Annual Conference*. Parramatta: Australian Association for Research in Education.
- Lei n.º 3/84, de 24 de Março. *Diário da República n.º 71 - I Série*. Assembleia da República.
- Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto. *Diário da República n.º 151 - I Série*. Assembleia da República.
- Maia, A. C. (2014). *Sexualidade e educação sexual*. [Consultado em 25 de agosto de 2017 em https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155340/3/unesp-nead_reei1_ee_d06_s03_texto02.pdf]
- Matos, M. G.; Reis, M., Ramiro, L.; Borile, M.; Berner, E.; Vázquez, S.; Gonzalez, E.; Messias, J.; Eisenstein, E.; Pons, J. E.; Tuzzo, R.; Livia, J.; Salazar, G.; Vilar, D.; Equipa Aventura Social. (2009). Educação sexual em Portugal e em vários países da América Latina. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10, pp. 149-158.
- Ministério da Educação/Ministério da Saúde. (2006). *Protocolo entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde*. Lisboa: Ministério da Educação/Ministério da Saúde.
- Ministério da Saúde. (2006). *Programa Nacional de Saúde Escolar*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- National Conference of State Legislatures. (21 de dezembro de 2016). *State Policies on Sex Education in Schools*. [Consultado em 26 de setembro de 2017 em <http://www.ncsl.org/research/health/state-policies-on-sex-education-in-schools.aspx>]
- Paiva, J., & Paiva, J. (2002). *Sexualidade e Afectos - para pais, professores e educadores*. Lisboa: Plátano Editora.
- Pereira, M. M. (2006). *Guia de educação sexual e prevenção do abuso* (2ª ed.). Coimbra: Pé de Página Editores.
- Portaria n.º 196-A/2010, de 9 de Abril. *Diário da República n.º 69- I Série*. Ministérios da Saúde e da Educação
- Rouyer, M. (2005). *Sexualidade*. Cascais: Pergaminho.
- Sadock, B. J., Sadock, V. A., & Ruiz, P. (2017). *Compêndio de Psiquiatria - Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica* (11ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Sampaio, D., Baptista, M. I., Matos, M. G. & Silva, M. O. (2007). *Relatório Final*. Lisboa: Grupo de Trabalho de Educação Sexual.
- Sampaio, M. M. (1987). *Escola e educação sexual*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

- Teixeira, F. (2010). Educação em Sexualidade e formação de professores/as. In F. Teixeira, I. P. Martins, P. R. Ribeiro, I. Chagas, A. C. Maia, T. Vilaça, et al., *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas Educativas, Investigação e Práticas* (315-319). Braga: Edições CIEEd - Universidade do Minho.
- Teixeira, F., & Marques, F. M. (2012). A Educação em Sexualidade e os media. *Revista Elo*, 19, pp. 15-21.
- UNESCO. (2009). International Technical Guidance on Sexuality Education - An evidence-informed approach for schools, teachers and health educators. [Consultado em 26 de setembro de 2017 em <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281e.pdf>]
- Uslander, A. S., & Weiss, C. (1997). *Como responder às perguntas sobre o sexo*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Vilar, D. (Julho/Setembro de 2005). Editorial (ou os porquês desta revista). *Educação Sexual em Rede*, 1, pp. 6-7.